



Eterna mente Cecilia

Um romance de época de
ELYSANNA LOUZADA

Eternamente
Cecília

Um romance de época de

ELYSSANNA LOUZADA

Eterna
mente
Cecilia

Um romance de época de

ELYSANNA LOUZADA

Capa: Marina Avila

Revisão: Vânia Nunes

Diagramação Digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Epílogo



Capítulo

1

*“Dalla Italia noi siamo partiti
Siamo partiti col nostro onore
Trentasei giorni di macchina e vapore,
e nella Merica noi siamo arriva”*
(Folclore Italiano, Merica-Merica)

Cecilia segurou firme a mão do seu irmão mais novo, Eustaquio, e agarrou-se à mala que guardava todas as suas memórias. Um xale que pertenceu à sua avó, uma bíblia gasta e marcada por infindáveis promessas, um retrato de seus pais desenhado no dia em que se casaram e um colar de ouro com uma medalha de São Francisco de Assis, seu principal bem, que ela escondeu dentro de um lenço de renda temendo ser roubada durante a viagem. Angelo, seu irmão mais velho, alguns passos à frente, amparava o pai, Antonio, que sofrera com os revezes da viagem de navio. A própria Cecilia havia emagrecido alguns quilos devido às náuseas que limitaram sua alimentação na primeira semana no mar. E, agora, após ter se acostumado ao balanço ininterrupto da embarcação, sentia o chão movendo-se sob os pés provocando uma vertigem que a deixava zozna mesmo estando há algumas horas no porto de Vitória.

— Cecilia! — Angelo apontou na direção do Sr. Joaquim Prado, provavelmente imaginando que ela não havia notado o sujeito, que naquele instante, acenava com um lenço encardido sobre a cabeça

sufocada pelas pessoas que exalavam os odores de uma viagem na terceira classe de um vapor proveniente da Europa. O que, certamente, não era novidade para o homem, que trazia sua oitava leva de italianos, daí a justificável presença do lenço.

— Por aqui. *Andiamo!* — Sr. Prado levou-os para uma área menos conturbada e pediu o passaporte de todos. Falava uma mistura de português e italiano que era compreendida pelos recém-chegados.

Cecilia soltou Eustaquio por um momento e enfiou a mão no bolso da saia. Entregou seu documento e o do seu irmão mais novo ao agente enquanto Angelo, seu pai e os outros italianos faziam o mesmo.

Eustaquio e outras crianças reclamaram pedindo comida.

— Quando chegarmos à hospedaria Pedra D'Água todos serão alimentados. — O Sr. Prado percebeu que falou a frase em português, por isso a repetiu em seu dialeto próprio alternando palavras das duas línguas em uma mesma sentença. Secou a testa molhada com o lenço de linho amarelado e saiu. Voltou cerca de meia hora mais tarde com os papéis de registro e os passaportes devidamente carimbados pelo governo brasileiro. Entregou-os aos italianos e pediu que os acompanhasse.

Atravessavam a área portuária, dividindo espaço com as cargas que começavam a ser desembarcadas e com os passageiros que vinham da primeira classe. Cecilia esbarrou em uma dessas pessoas saídas de alguma cabine de luxo.

— *Scusa, signore.* — Encolheu os ombros envergonhada. O homem sorriu e as rugas ao redor de seus olhos acentuaram-se de maneira afável. Cecilia considerou o rosto mais amigável que tinha visto desde o seu desembarque.

Ele abriu caminho e Cecilia avançou com Eustaquio agarrado à sua saia marcada com a sujeira do betume usado para selar as tábuas das áreas frequentadas pelos passageiros da terceira classe.

— Mas que Diabos! — Cecilia ouviu o Sr. Prado gritar na saída do porto. Ela aproximou-se e parou ao lado do irmão e do pai.

Homens uniformizados e montados em cavalos cercavam a área. Cecilia concluiu que eram

policiais. No meio deles, pessoas, em sua maioria homens, dividiam-se em dois grupos. Ambos os lados carregavam cartazes e gesticulavam uns para os outros. Gritos e frases de ordem rasgavam o ar formando num coro agressivo.

— Malditos monarquistas! Por que não aceitam que somos uma República agora? — Sr. Pardo esbravejou, porém, não foi compreendido pelos italianos.

Angelo puxou Eustaquio e jogou-o nos ombros largos. O menino franzino agarrou-se com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos.

— *Andiamo*. — O Sr. Prado indicou uma passagem relativamente segura por entre os manifestantes.

Cecilia não se descuidou de sua mala e seguiu atrás de seu pai. Não era assim que esperava chegar ao solo brasileiro, a tão sonhada terra prometida aos italianos, onde contaram-lhe que havia ampla oferta de empregos e terras de cultivo.

O som de uma explosão fez a multidão se agitar ainda mais. Alguns cavalos perderam o controle e avançaram sobre os imigrantes que passavam às margens do enfrentamento popular. Outras explosões seguiram-se à primeira e o caos tomou conta da situação.

Cecilia não desgrudava os olhos de sua família enquanto desviava-se dos empurrões e cotoveladas dos manifestantes que haviam rompido o cordão de isolamento formado pela polícia. Em vão, gritou o nome de seu pai quando o viu se afastar demais. Era impossível projetar a voz acima da balbúrdia daqueles que se enfrentavam e o som do atrito dos cascos dos cavalos no calçamento de pedra. Segundos depois, percebeu que os havia perdido de vista. Sua respiração acelerou e ela desatou a correr. Arfava enquanto abria espaço entre o amontoado de pessoas que se assomavam sobre ela.

Sem prestar atenção em nada além de seguir os rastros do caminho tomado por sua família e os outros imigrantes, avançou quase que às cegas, o que a jogou em meio a uma rua movimentada pelo trânsito de carruagens.

Cecilia ouviu o relinchar indignado de dois cavalos antes de sentir o baque da cabeça do animal em seu corpo. Um zunido agudo entrou pelo seu ouvido direito e tomou sua cabeça antes que ela

caísse no chão.

— Senhorita! Senhorita!

Atordoada, Cecilia levantou com dificuldade e percebeu que havia se formado um círculo de curiosos ao seu redor.

— Com licença. Por favor, abram espaço. — Um homem bem vestido aproximou-se. — Perdoe-me, senhorita. Meu cocheiro não a viu.

Cecilia pouco entendeu o que ele disse, mas reconheceu-o como o homem gentil do porto, o que não foi suficiente para deixá-la menos agitada ou impedir que lágrimas brotassem em seus olhos desesperados. Estava prestes a se perder de sua família naquela terra estrangeira.

— *Mio papà!* — Cecilia quis sair correndo, mas as mãos do homem se fecharam em seu braço. Ela tentou se desvencilhar. O senhor, no entanto, a impediu.

— Seu pai está a caminho da Hospedaria Pedra d'Água. Todos os imigrantes vão para lá. Posso levá-la até o local.

Cecilia encarou-o reticente, zozna e enjoada como se estivesse revivendo os primeiros dias no vapor. Seus olhos escureceram por breve instante. Alheia ao que estava acontecendo, ela foi conduzida até a carruagem do desconhecido.

Em italiano, o homem explicou que a levaria até onde os imigrantes ficavam hospedados.

— *Dove è la mia valigia?* — Cecilia desesperou-se ao perceber a ausência de sua mala.

— Aqui está. — O condutor da carruagem apareceu trazendo a bagagem desviando-se dos curiosos que começavam a se dispersar do local do quase atropelamento. Para azar dele, no entanto, a instantes de trazer a valise em segurança, tropeçou e a bagagem acabou caindo de suas mãos. O objeto bateu na poltrona da carruagem para, em seguida, aterrissar com violência no chão.

Horrorizada, Cecilia viu suas coisas se espalharem no assoalho do veículo. Imediatamente, abaixou-se e começou a recolher seus poucos pertences.

— Perdão, senhorita. — O motorista se aproximou, mas seu patrão pediu que ele desse partida rumo à Hospedaria Pedra d'Água.

Cecilia sentiu o solavanco da carruagem quando os cavalos começaram a andar. Enquanto recolhia seus objetos pessoais, pedia mentalmente para que sua família estivesse segura. Em meio àquela confusão, eles também poderiam ter se perdido. Um nó se formou em sua garganta. Sentiu vontade de chorar. Desejou estar em casa e não em uma terra desconhecida sendo amparada por um estranho. Porém, como não podia se dar ao luxo de esmorecer naquele momento, reprimiu as lágrimas e encarou sua sina tentando encontrar dentro dela a coragem para tal feito.

— Não se preocupe, chegaremos logo — o homem falou, depois, corrigiu-se e repetiu a frase em italiano.

Cecilia pouco falou durante o tempo que levaram até a estalagem. Limitou-se a acenar com a cabeça e a responder sim ou não. Apesar de a companhia daquele senhor ser agradável e, de certo modo, tranquilizadora, Cecilia estava inquieta.

Quando chegaram à hospedaria, Cecilia segurou as saias erguendo-as até a altura dos tornozelos e, sem contar com a ajuda do condutor que apressou em se aproximar, desceu e pegou sua desgastada mala de viagem.

O Sr. Luiz Eugênio perguntou se ela gostaria que ele a acompanhasse.

— *No, signore, grazie.* — Ela já tinha visto o Sr. Prado nas proximidades do portão de entrada.

O Sr. Luiz Eugênio tirou o chapéu expondo os cabelos brancos, despediu-se de Cecilia e partiu em seguida.



Capítulo

2

Cecilia atravessou o alojamento para imigrantes. O Sr. Prado a guiava de perto com uma obstinada disposição de entregá-la ao pai. Seguiu praguejando baixo alguns impropérios a respeito de Angelo, imaginando que Cecilia não era capaz de compreender uma única vírgula em Português. Ao que tudo indicava, Angelo havia tentado agredir o agente ameaçando-o de maneira acintosa, caso o sujeito não encontrasse sua irmã. Cecilia agradeceu mentalmente por não ser uma completa ignorante na língua. Lembrou-se do velho Joaquim, um português amigo de sua mãe que costumava lhe dar aulas informais enquanto a menina perambulava pela mercearia dele. Fato que, por vezes, rendia boas brigas entre D. Luigia e o Sr. Joaquim, já que ele era um tanto desbocado e acabou por ensinar Cecilia alguns palavrões. “*Maledetto portoghese*”, D. Luigia costumava dizer. A raiva, entretanto, durava pouco. Dois dias se passavam e eles voltavam a conversar como se nada tivesse acontecido.

As lembranças dessa época, de quando sua mãe ainda estava viva e não lhes faltava comida, deram um nó na garganta de Cecilia. Ela caminhou calada tentando se distrair com a visão das famílias que se acomodavam nos beliches do alojamento. Mas quando viu seu pai e este a abraçou e pronunciou um sofrido “*Grazie a Dio*”, o bolo em sua garganta transformou-se em choro. Deitou a cabeça no ombro dele como se ainda tivesse oito anos e a função de educar o irmão mais novo e cuidar da saúde do Sr. Antonio não fossem dela.

Instantes depois, eles se afastaram e Cecilia percebeu o pai tentar esconder uma careta de dor, não fosse o declarado rosto contorcido.

— *Ti senti tutto bene, papà?*

O Sr. Antonio garantiu que estava bem. Discretamente, apontou a cabeça em direção ao Sr. Prado, que esticava as orelhas, atento. Parecia bastante interessado na informação sobre a saúde do imigrante. Cecilia lembrou-se do aviso que o sujeito lhes dera ainda na Itália: “Somente pessoas saudáveis vão para as fazendas de café”.

Angelo apareceu naquele momento desviando a atenção do Sr. Prado, que, intimidado, deu dois passos para trás quando o italiano se prostrou em sua frente.

— Angelo! — Cecilia o chamou ao perceber que ele ainda não havia notado sua presença. Seu irmão deu meia volta, e em um arroubo de felicidade, tomou-a nos braços fazendo a mala dela tombar. Por cima dos ombros dele, Cecilia observou o Sr. Prado desaparecer em meio ao burburinho e ao choro das crianças de colo. O pequeno Eustaquio surgiu em seguida equilibrando algumas roscas em suas mãos. Pela sua reação ao vê-la, Cecilia deduziu que o irmãozinho não desconfiava de que ela havia se perdido na cidade.

Cecilia foi com o irmão mais novo até as camas destinadas à sua família. Os beliches eram unidos de dois a dois, de modo que os colchões, tanto embaixo quanto em cima, eram separados por um espaço mínimo. Cecilia e Eustaquio dormiriam na parte superior, ao passo que o Sr. Antonio e Angelo ficariam com as camas próximas ao piso.

Eustaquio deixou as roscas com Cecilia e voltou para o refeitório onde, segundo informou-a, havia se formado um enorme fila para distribuição do desjejum e de água.

Cecilia tirou as botas, colocou-as sob a cama e avaliou os lençóis puídos onde dormiriam durante a quarentena exigida pelo governo. Não eram muito diferentes daqueles sobre os quais repousavam em sua casa em Treviso. A roupa de cama da terra natal, no entanto, estava sempre limpa e não encardida como aquela. Colocou a mala em cima do seu colchão, apoiou o pé no estrado do beliche e subiu para ocupar seu diminuto espaço.

Ansiosa por tomar um banho, abriu a bagagem para pegar a única saia que trouxera, uma blusa e

sua roupa de baixo. Aproveitou para arrumar os pertences recolocados às pressas na valise quando ela se abriu na carruagem do Sr. Luiz Eugênio.

Pegou a imagem dos pais desenhada no dia do casamento e demorou-se alguns segundos analisando-a. Pensou em como Angelo lembrava o Sr. Antonio na juventude: o mesmo queixo anguloso, o cabelo castanho-escuro penteado para o lado e a orelha avantajada. Riu sozinha ao se recordar de como os colegas costumavam caçoar de Angelo por conta do tamanho de suas orelhas. Talvez por ter aprendido a se defender da língua maldosa dos amigos, o irmão começou a brigar cedo.

Cecilia, por sua vez, teve a sorte de herdar os traços de D. Luigia: rosto angelical, nariz levemente empinado e cabelos castanhos fartos.

Lembrar-se da mãe trouxe à memória a medalha de São Francisco de Assis. Procurou-a com o intuito de fazer uma oração.

— *Dio mio*. — Trêmula, percebeu que o lenço que mantinha a corrente de ouro presa por uma fita de cetim, estava vazio.

Sem conseguir acreditar no que estava acontecendo, conferiu novamente as peças de roupa. A joia poderia ter se prendido em outro tecido. Frenética, tateou todas as vestimentas uma, duas, três, quatro vezes seguidas. Nada. Nenhum sinal do cordão com a medalha de São Francisco de Assis.

O desespero começou no peito lançando espasmos em seu corpo até se transformar em lágrimas propriamente ditas. Ela deixou o tronco cair sobre seus pertences e abraçou-os trazendo-os para junto de si. Um vazio tragou seu corpo engolindo-o como se um buraco negro tivesse se aberto dentro dela. Mais que um bem material, o colar foi o último presente que D. Luigia lhe dera em seu leito de morte. A joia, que havia atravessado quatro gerações de sua família e vencido a necessidade de ser vendida para amenizar a fome dos Agrizzi, estava, agora, desaparecida para sempre.

Cecilia foi tragada por um silêncio sombrio que escondia uma luta interna: contar ou não ao pai que ela perdera a joia? Ele ficaria decepcionado, ela sabia. Talvez até levasse mais tempo para se recuperar do insistente cansaço que se abateu sobre ele.

Decidiu esperar o fim da quarentena. O início do trabalho na fazenda de café traria a esperança de

uma vida nova. O Sr. Antonio teria a perspectiva do recomeço para se firmar e, dessa forma, talvez superar a perda do objeto de valor sentimental.

Nas semanas seguintes, por mais complicado que fosse, Cecilia tentou não pensar em seu colar. Dedicou-se a aprender o maior número de palavras e sentenças da Língua Portuguesa. Empenhada em substituir a perda da joia pelo conhecimento à nova cultura, fez amizade com uma brasileira, funcionária do governo do Estado que, esporadicamente, trazia-lhe um exemplar de jornal e dava-lhe algumas aulas gratuitas.

As horas de dedicação ao estudo deixaram os dias mais curtos e ajudaram a amenizar a saudade da Itália.



Capítulo

3

Em uma terça-feira, Sr. Prado surgiu na hospedaria às sete horas da manhã para levá-los ao novo lar. Depois de muitas horas de caminhada, Cecília atravessou a porteira onde uma placa de cedro cuidadosamente talhada indicava: “Fazenda Bela Vista”. Pela milésima vez, Eustaquio cutucou a irmã. Depois de sacolejar por mais de três horas seguidas em cima de um carro de boi que ela acompanhava por todo o trajeto, o menino parecia saturado com o balanço ininterrupto da estrada repleta de buracos.

— Não reclame, *bambino*. — Cecília adiantou-se. Esforçava-se para pronunciar o maior número possível de palavras em Português. Ainda que os irmãos e o pai reclamassem, ela insistia para que aprendessem mais rapidamente o idioma. — Você veio sentado. — Eustaquio bufou e cruzou os braços na altura do peito.

O carro de boi era, na verdade, um luxo concedido às crianças e ao Sr. Prado, se comparado às canoas que utilizaram para navegar pelo rio que os trouxeram ao porto mais próximo dali. Isso sem falar nas manchas produzidas pelas picadas de mosquito cravadas na pele branca dos imigrantes.

Andaram por mais de duas horas depois cruzarem o portal que sinalizava o território da família Dias.

O Sr. Prado utilizou o tempo de uma maneira quase didática, elucidando alguns detalhes sobre aquelas terras. Tratava-se de uma fazenda de café, como já sabiam, uma das maiores do Espírito Santo. O Coronel Feliciano Dias havia utilizado mão de obra escrava até a abolição da escravatura, em 1888. Agora, quem administrava a propriedade era D. Estela de Souza Dias, a viúva dele.

Os italianos foram recebidos em um pátio distante alguns metros do casarão da fazenda. Cecilia reparou que o lugar era cercado por construções baixas que deveriam funcionar para armazenagem de grãos e depósitos de ferramentas. Organizados pelo Sr. Prado, eles se aglomeraram ocupando mais de dois terços do espaço.

Uma mulher alta e de cabelos arrumados em um coque dirigiu-se a eles para recepcioná-los. De forma nada simpática, apresentou o encarregado da fazenda, Mathias Carvalho, como sendo a pessoa responsável pela instalação e orientação do trabalho na lavoura. Saiu da presença deles tão rápido quanto alguém foge de uma doença contagiosa.

O Sr. Prado seguiu-a como um cachorro adestrado murmurando-lhe algumas palavras pelo caminho. Depois, voltou para ajudar na comunicação entre o encarregado e os imigrantes. Dali, foram para a colônia onde seriam instalados. No trajeto, descobriram que, ao contrário do que pensavam, não teriam direito a um pedaço de terra para fazer sua própria horta ou plantar milho. Deveriam comprar tudo o que precisassem para seu sustento em uma venda local e, posteriormente, efetuar o pagamento, acrescido de juros, quando fizessem o acerto da primeira colheita.

Cecilia se empertigou com a informação e percebeu que Angelo e outros italianos ficaram tão insatisfeitos quanto ela.

Angelo quis reclamar em voz alta, mas Cecilia o deteve.

— Vamos ver nossas casas primeiro. Essas crianças não aguentam mais andar.

— *Va bene* — concordou num tom irritado.

Embora Cecilia pensasse o mesmo que o irmão, tinha receio de contestar a posição deles naquele momento, quando haviam acabado de chegar. Talvez, se esperassem um pouco, poderiam contornar a situação e conseguir fazer valer o contrato.

A visão da colônia não arrefeceu os ânimos. As moradias prometidas no contrato não passavam

de casebres de aparência suja e abandonada.

Cecilia entrou em sua nova casa e acomodou sua mala no chão da cozinha. Encontrou algumas frutas e tratou de alimentar Eustaquio. Depois procurou seu pai em um dos dois quartos da habitação. Encontrou-o sobre um colchão que lembrava um depósito de pulgas. A cama de madeira gemeu quando ela sentou-se ao lado dele.

— Está bem, *papà*?

Ele fez que sim dizendo que tudo o que precisava era descansar um pouco.

Cecilia deixou-o com a promessa de que retornaria com comida e água fresca. Voltou para a cozinha onde, pensou, encontraria Eustaquio, mas o menino estava brincando de pique ao redor da bica de água que ficava no meio exato da colônia, cujas casas eram dispostas a formar um enorme círculo. Perto deles, Angelo e outros homens conversavam gesticulando de maneira exagerada. Pelas suas feições, Cecilia deduziu que deveria participar do assunto antes que uma confusão se formasse.

— *Questo non è giusto.*

— O que não é justo, Angelo? — A serenidade de Cecilia contrastou com o tom exaltado do irmão.

— *Tutto. Dove sono le nostre terre? E queste case? Noi non siamo animali.*

Mathias Carvalho aproximou-se atraído pelas vozes.

— Qual o problema? — perguntou.

Percebendo pelos olhares dos italianos que havia sido eleita porta voz, Cecilia tomou a frente.

— No contrato, a gente teria a *nostra* terra para plantar.

— Isso vocês têm que acertar com a patroa. Mas vou logo avisando, ela não gosta de conversa.

— Mas é nosso direito.

— Se eu fosse você, italiana, diria pra sua gente ficar quieta. A patroa não tolera agitadores.

— Nem *noi* gostamo de mentira.

— Olha, italiana... — Mathias iniciou.

— Cecilia. *Io* me chamo Cecilia.

— Que seja! Por que você não acalma seu povo? Vou tentar conseguir leite para as crianças e trazer alguma coisa para fazerem a comida de vocês. É pegar ou largar.

Mesmo a contragosto, Cecilia fez o que ele disse. Convenceu seu irmão e os outros a aceitarem a incômoda situação, ao menos por enquanto. Reclamações surgiram de toda parte, mas a verdade era que ninguém tinha dinheiro para pagar por suas passagens, de modo que voltar para a capital do Estado não era uma opção enquanto não saldassem sua dívida.

Envolvidos com sua instalação, aos poucos, os italianos organizaram-se para preparar uma boa refeição com os legumes e a pouca carne que receberam de Mathias. Cantavam para chamar a esperança. Cecilia, no entanto, não acompanhava a música, apenas repetia para si mesma:

— *Noi* não *somo* bicho para ser tratado assim.



Capítulo

4

Francisco Dias empertigou-se na sela ao se aproximar da casa. A sólida sede da fazenda apresentava-se como um reflexo da sua família. O casarão principal do complexo construído em forma de U era um prédio quadrilátero que ostentava mais de vinte janelas no andar superior. Uma varanda ornava a parte da frente por onde se tinha acesso à entrada principal. Palmeiras imperiais, presentes do próprio Imperador do Brasil ao pai do Coronel Feliciano, ladeavam o prédio e consolidavam a visão majestosa do casarão.

Filho único do Coronel, Francisco tornou-se o oposto do que seus pais esperavam: abolicionista e republicano. Chegou a ser mencionado em um artigo da gazeta da capital compondo o grupo de manifestantes que lotavam o Paço onde a Princesa Regente Dona Isabel havia assinado a Lei Áurea. Fato que lhe rendeu uma carta exaltada do pai com ameaças de suspender o envio de dinheiro que custeava a Faculdade de Direito, além de outras regalias. Aquela havia sido a última correspondência que o pai lhe enviou antes de morrer. O sonoro “hipócrita!” grafado na inconfundível caligrafia inclinada do coronel Dias ainda o incomodava.

As memórias tornavam-se mais insistentes à medida que atravessava a alameda que dava para os pés da escadaria do casarão. Seu cavalo balançou a cabeça aborrecido com uma mosca empenhada em irritá-lo.

— Seja bem-vindo ao lar! — Otávio alfinetou o amigo com uma precisa dose de ironia.

Francisco o encarou com um semblante hostil.

— Essa fazenda deixou de ser o meu lar desde que Estela me mandou para o internato.

— Não seja rancoroso, Francisco.

— Por que não cala a boca, Otávio? — o mau humor de Francisco provocou uma gargalhada no amigo que se mostrava particularmente disposto a aborrecê-lo.

Antes de pisar naquelas terras, Francisco relutou ao máximo em voltar à Fazenda Bela Vista. A última vez que esteve ali foi no enterro do seu pai, há pouco menos de um ano. Desde então, Estela havia começado uma cruzada na intenção de obrigá-lo a abandonar o Rio de Janeiro e voltar para o Espírito Santo. “*Você já terminou a faculdade. Seu lugar é aqui.*”, ela repetiu incontáveis vezes. Esse, entretanto, não havia sido o argumento que motivou seu retorno, e sim o inventário do Coronel Dias. Depois de prorrogar por meses essa pendência burocrática, Francisco ficou sem alternativas e, agora, precisava dar um fim a toda papelada.

Estela apareceu na varanda do segundo andar do casarão. Francisco evitou olhá-la por mais tempo que o necessário.

Francisco e Otávio desmontaram de seus cavalos. Havia um empregado a postos para levar os animais para as baias.

— Dona Estela — Otávio cumprimentou-a com um tom elegante. Ela respondeu com um discreto sorriso e um sutil aceno de cabeça. — Espero que minha presença não lhe cause nenhum transtorno.

— De modo algum. Só gostaria de ter recebido uma carta informando sobre a chegada de vocês. Talvez Francisco estivesse muito ocupado no Rio de Janeiro para perder tempo escrevendo para sua mãe. Uns ingratos, é isso que vocês se tornam depois de adultos. — Estela referiu-se aos dois, mas virou-se para o filho antes de concluir a frase.

— Como vai, Estela?

— Estaria melhor se mostrasse alguns modos e me chamasse de mãe. — Aproximou-se e o

abraçou. Desconfortável, ele retribuiu o gesto. — Fizeram boa viagem?

— Sim, mas tivemos um pequeno problema com as malas — Otávio respondeu, embora a pergunta fosse para Francisco.

— Problema? — Estela arqueou as sobrancelhas.

— Esqueci de colocar a etiqueta de identificação e elas acabaram extraviando. De qualquer forma, chegarão até o fim da tarde. — Podemos entrar? — Indicou a porta.

— Claro, vou mandar trazer uma limonada.

— Isso seria ótimo, senhora. O calor está insuportável. — Otávio ofereceu o braço para Estela que sorriu diante do cavalheirismo.

Entraram na sala de visitas e o barulho das botas sobre o piso de cedro cessou quando pisaram no tapete que cobria boa parte do chão. Francisco se acomodou na cadeira de três lugares sem se preocupar com excessos de formalidades. Tirou o casaco, o chapéu e colocou-os sobre o móvel de jacarandá impecavelmente envernizado.

Sobre a mesa de centro havia uma sineta que Estela tocou para chamar uma de suas empregadas. Segundos depois, uma moça aparentando vinte anos apareceu secando a mão no avental. Estela pediu que ela trouxesse o refresco e que providenciasse para que o quarto de Francisco e o de hóspedes fossem limpos com rapidez.

— Precisamos viajar até Vitória para resolvermos de uma vez por todas as pendências do inventário.

— Mal chegou e já quer partir — Estela repreendeu o filho.

— Não pretendo ficar por muito tempo.

— Terá que ficar para o meu aniversário. Certamente veio agora para passá-lo comigo, certo?

Francisco pensou em responder que a escolha da data havia sido determinada pelo advogado que cuidava das questões jurídicas originadas da morte do Coronel Dias. Contudo, preferiu omitir o fato

para não ser deselegante com Estela na presença de Otávio.

— Farei uma pequena recepção para alguns amigos... — Estela começou, porém, foi interrompida pela empregada que voltava equilibrando uma bandeja com uma jarra e três copos. A moça apoiou os utensílios sobre a mesa de centro e serviu o suco nos copos. Abaixada, deixou parte de seu colo exposto aos olhares masculinos, especialmente o de Francisco. *Um belo par de peitos.*

Sua atenção fixou-se por mais tempo do que o necessário no decote da garota. Ato que, infelizmente, não passou despercebido por Estela.

— Fique longe da serviçal — sua mãe disse depois que a funcionária desapareceu de sua vista.

— Ora, Estela, por quem me tomas?

— Conheço bem sua popularidade no Rio de Janeiro.

— Deve estar se referindo ao malfadado renome que trago dos tempos da faculdade. Contudo, posso lhe assegurar que isso é passado.

— Espero que sim. De qualquer forma, o aviso está mantido. Quanto a você, Otávio — Estela virou-se para a cadeira em que ele estava sentado —, faço votos de que tenha mais juízo que seu amigo.

— Creio que sim, senhora — Otávio respondeu segurando visivelmente o riso, enquanto Francisco bufou contradizendo-o, já que os dois, como o próprio amigo costumava definir, eram “farinha do mesmo saco” no quesito mulheres.

— Seu pai disse que pretende se estabelecer na capital do Estado e assumir uma posição no banco.

— Tenho considerado essa hipótese... — Otávio disse e tomou um gole do seu suco.

Desse ponto em diante, Francisco deixou de prestar atenção na conversa limitando-se a, vez ou outra, assentir. Só voltou a escutar quando Otávio seguiu para o quarto de hóspedes e Estela o convocou para uma conversa no escritório. Embora quisesse protelar o momento, decidiu encarar as cobranças antes de entregar-se a um merecido descanso.

Estela o colocou a par da situação na fazenda informando sobre a chegada dos italianos há pouco mais de três semanas. Apesar do vago interesse pela rotina rural, ele não demonstrou impaciência, pois, seria inútil tentar dissuadi-la a ser mais sucinta.

— A situação financeira é ruim e nosso café está prestes a apodrecer...

— Achei que a chegada dos italianos tivesse resolvido esse problema.

— Eles nunca viram um pé de café. Ainda estão se acostumando com a lavoura. Preciso de alguém para me ajudar a lidar com essa gente.

— Com certeza essa pessoa não sou eu. Você sabe que entendo tanto de café quanto eles.

— Não estou falando de pegar em uma enxada, mas de contornar alguns problemas. Mathias está com dificuldades para se entender com os italianos. Ah, nunca pensei que diria isso, mas sinto falta daqueles malditos negros.

Francisco trincou o maxilar para não travar uma discussão com Estela acerca da cultura escravista dela. Seria desgastante falar de igualdade e respeito pelo ser humano para uma narcisista escravocrata.

— Não serei seu diplomata, Estela. Sugiro que aprenda a ser mais tolerante e lide você mesma com seus colonos.

— Acho que não entendeu a gravidade de nossa situação, temos uma dívida e sem café para vender, não haverá dinheiro para pagá-la. Também não haverá recursos para você voltar para o Rio de Janeiro e continuar brincando de advogado.

— Não vou discutir a natureza do meu trabalho com você.

— Nem precisa, pois eu sei quais tipos de clientes você costuma atender: negros e gente pobre que não têm onde cair morta.

— Estela, se isso era tudo que tinha para me dizer, acho que terminamos por aqui. — Francisco levantou-se, mas a mãe o deteve.

— Existe uma maneira mais simples de solucionar nossos problemas. Pagamos nossa dívida e você continua advogando para, digamos, a classe proletária.

Francisco encarou-a com cautela. Provavelmente tudo o que haviam conversado até então era apenas um engodo para que ela falasse o que gostaria desde o princípio.

— Receberei o Presidente do nosso Estado, o Sr. Afonso Cláudio, para a celebração do meu aniversário. Ele trará a sobrinha, Catarina de Andrade, herdeira de uma das maiores fortunas de Minas Gerais.

— E? — Francisco sabia exatamente o que ela estava insinuando. Precisava, no entanto, ouvir com todas as letras até onde ia a sordidez de Estela.

— Ora, não finja ser estúpido. Um bom casamento sanaria nossas dívidas e traria estabilidade financeira para o resto de sua vida.

Demorou alguns segundos para Francisco processar a informação. Era radicalmente contra a instituição matrimônio. Casar-se com uma herdeira rica o livraria da mãe para sempre. Mas isso o deixaria no mesmo patamar que ela transformando-o em um crápula caçador de dotes. Além disso, incomodava-lhe o fato de que aquela conversa sem sentido impedia-o de subir até o aposento e se lavar para tirar o misto de suor e cheiro de cavalo que exalava.

— Você não tem limites, não é? — Francisco ergueu-se da cadeira e apoiou as mãos sobre a mesa de mogno projetando o tronco de modo que ficasse alguns centímetros acima de sua mãe. — Agradeço sua oferta, mas eu não estou à venda.

Francisco deixou o escritório disposto a evitar a companhia de sua mãe a qualquer custo. Trancou-se no quarto e ali ficaria por um bom tempo antes de se arriscar a encontrar com ela em algum cômodo do casarão. Jogou as botas sujas em um canto, tirou a roupa e enfiou-se na banheira. Encarou as telhas de barro do teto.

Por alguns instantes, a conversa de minutos atrás insistiu em permanecer em sua cabeça.



Capítulo

5

*“Tanti amici lasciati in italia
Tante speranze portatte nel cuore
Siamo imigranti italiani da vero
Cercando la pace.”*
(Folclore Italiano - Amici Lasciati)

O suor brotava na testa de Cecilia e escorria por sua pele rosada. Removeu o lenço da cabeça na esperança de que a brisa diminuísse o calor. Inútil. Recolocou o tecido que mantinha seus longos cabelos pretos a salvo da poeira enquanto tentava se acostumar com as roupas de baixo grudando em sua carne. Havia calor na Itália, mas nada que se comparasse à umidade brasileira que fazia seus poros gotejarem feito um cano furado.

Estavam perto de terminarem a limpeza daquela rua. Pensou na estranheza do termo assim que ele lhe veio à mente. Rua era o nome dado aos espaços entre as fileiras de pés de café. Perto dela, Eustaquio lutava contra a aspereza do cabo do rastelo que torturava suas mãos de criança.

Pobre bambino. Cecilia sofria com sua impotência diante do sofrimento do irmão. Queria ser capaz de livrá-lo do trabalho pesado, mas tudo que poderia fazer era tratá-lo com as pomadas

medicinais que sua nona lhe ensinara a fazer.

— Queria ir pra casa mais cedo. — Exausto, o menino descansou o rastelo por alguns minutos e lançou um olhar suplicante para a irmã.

Cecilia apoiou sua enxada em um dos galhos de café e puxou o menino para si. Abraçou-o e depois pegou um pouco de água fresca na moringa. Ele tomou um gole enquanto Cecilia contabilizava os ferimentos nas mãos dele provocados pelos galhos secos de café.

— Descanse um pouco. Hoje vou fazer o pão que *nostra mamà* fazia na Itália.

— Promete, Cecilia?

— Prometo, *mio* anjo. — Cecilia beijou-lhe a testa.

A alguns metros deles, um grupo de italianas começou uma cantoria com músicas da terra natal. As canções animavam o espírito e diminuíaam o cansaço.

Cecilia voltou ao trabalho e acompanhou a melodia. Era uma composição folclórica que sua mãe costumava cantarolar enquanto cozinhava. Vez ou outra, olhava para Eustaquio que se encolhia para que seu corpo miúdo coubesse embaixo da sombra que as carreiras de café projetavam no solo.

— Cecilia! *Grazie a Dio*. — Uma voz aflita soou interrompendo o cantarolar. Era Giustina, sua vizinha na colônia.

— O que houve?

— *È tuo padre* — a moça falou quase sem fôlego.

Cecilia sentiu o sangue fugir do seu rosto.

— Vem comigo. Ele *non si sente bene*.

— *Dio santo!* — Cecilia levou a mão ao pescoço para agarrar a medalha de São Francisco de Assis que deveria estar ali, mas seus dedos se fecharam no vazio deixado pela perda.

Encontrou o Sr. Antonio deitado no chão com a cabeça apoiada em uma camisa dobrada e colocada ali para lhe servir de travesseiro.

— *Papà!* — Ela se ajoelhou ao seu lado e perguntou o que ele estava sentindo.

— *Non é nada. Perchè te chamaram?*

Cecilia olhou para Giustina e, pela expressão da amiga, percebeu que seu pai estava mentindo para não causar problemas.

— O senhor necessita de um médico.

— *Non exagere. Desde quando virei vecchio pra non saber o que tenho?*

Cecilia ignorou a reclamação de seu pai e pediu que Giustina cuidasse dele até que ela voltasse. Deixou-os decidida a encontrar o encarregado da fazenda, o Sr. Mathias Carvalho, e pedir ajuda para conseguir um médico.

Percorreu quase metade do cafezal para encontrar o homem próximo a estrada. Ele organizava o carregamento de um carro de boi prestes as zarpar para a sede da fazenda carregado de mandioca, bananas e batata doce.

— Sr. Mathias.

— O que foi, italiana? — Ele mostrou-se indiferente com a aflição dela.

— Como faço para conseguir um médico? — perguntou sem rodeios.

— E para que precisa de um?

— *Mio pai non está bem.*

— Médicos não trabalham de graça. Se puder pagar pelo serviço de um, envio uma mensagem até a vila mais próxima. Dentro de uns cinco dias, talvez ele venha.

— Eu não tenho dinheiro.

— Então, aconselho que volte ao trabalho — respondeu e, em seguida, voltou sua atenção para as pencas de banana que estavam sendo carregadas no carro de boi.

Cecilia segurou-lhe o braço com força, obrigando-o a se virar para ela.

— Será que a patroa não poderia pagar o médico e descontar da nossa parte na colheita? — O desespero era tangível em seu rosto lívido. O senhor fitou-a em um misto de irritação e pesar.

— Olhe, italiana, se quer um conselho, não leve esse assunto para dona Estela. É provável que ela despache sua família de volta para a capital. O que eu posso fazer para ajudar é deixar que leve seu pai de volta para a colônia no carro de boi.

O encarregado tinha razão. O Sr. Prado havia lhe prevenido quanto aos fazendeiros rejeitarem pessoas que não estivessem em perfeitas condições de saúde. Sua cabeça deu voltas tentando encontrar uma solução, mas tudo o que vinha em sua mente era o medo de perder o pouco que haviam conquistado: o direito de trabalhar como colonos. Por isso, mesmo inconformada com a situação, Cecilia aceitou a oferta.

À noite, já em casa, fez com que o pai repousasse e o proibiu de trabalhar no dia seguinte. O Sr. Antonio, que costumava não acatar nada que lhe era imposto, não contestou as ordens da filha, o que deixou Cecilia ainda mais preocupada.

Depois que Angelo chegou da lavoura, Cecilia saiu em busca de ervas para preparar um chá que, de acordo com sua nona, era capaz de diminuir o cansaço e aliviar as dores no peito. Apelar para o conhecimento ancestral de sua família era sua última esperança para tratar o pai sem a ajuda de um médico.



Capítulo

6

A filha da mãe sabe provocar como poucas, Francisco concluiu depois de afastar-se da moça. Haviam se encontrado no corredor que levava ao quarto de hóspedes. Ela, que chamou sua atenção desde que ele havia colocado os pés na fazenda, materializava-se ao seu lado todas as vezes que estava sozinho. Daquela vez, no entanto, ele não conseguiu resistir ao decote que transformava os seios dela em duas mangas rosas prontas para serem colhidas.

Encurralou-a na passagem esperando que a empregada revelasse suas intenções: fugir ou entregar-se à luxúria. Conforme esperado, ela não o decepcionou. Aceitou o beijo e permitiu que ele apalpasse sua carne preservando apenas os lugares mais íntimos. E teriam continuado sabe-se lá até que ponto, mas foram interrompidos por um pigarro vindo de algum ponto distante no corredor.

Enrubescida, a moça saiu correndo em direção ao andar de baixo enquanto Otávio se aproximava de Francisco.

— Fique longe dela, foi o que sua mãe disse.

— E desde quando eu obedeco às ordens de Estela?

— Você é um patife incurável — Otávio provocou-o.

— E você é o quê, meu amigo? Um santo?

Uma gargalhada sonora acompanhou-os até as escadas do casarão. Dariam uma volta nas terras da Bela Vista. A ideia havia sido de Francisco. Percorrer a propriedade a cavalo parecia um excelente passatempo, além disso, poderia manter-se longe de Estela por um dia inteiro.

A noite já havia caído quando retornaram da cavalgada. Francisco e Otávio deixaram o cavalo na estrebaria e entraram pelos fundos da casa. Dona Joaquina, a cozinheira que trabalhava para os Dias havia mais de trinta anos, esperava o patrãozinho, como costumava se referir a Francisco, com a comida sobre o fogão à lenha.

— Quer que eu ponha a mesa na sala de jantar?

— Vamos comer aqui mesmo. — Francisco tirou as pesadas botas e colocou ao lado do banco de madeira maciça onde acabara de se acomodar. Otávio fez o mesmo, mas sentou no lado oposto da mesa.

— Vossa mãe não gostou da ausência no jantar. — D. Joaquina colocou o arroz branco, o feijão, a galinha caipira ensopada com quiabo e as batatas doce cozidas sobre a mesa que ficava na cozinha, onde os empregados da casa faziam a refeição. Francisco balançou os ombros pouco se importando com o desagrado de Estela.

— Por que não tenta conviver de maneira pacífica com sua mãe? — Otávio perguntou.

— Porque não vale a pena — Francisco respondeu e, em seguida, concentrou-se em sua refeição.

Mais tarde, em seu quarto, depois que se lavou e colocou a roupa de dormir, acendeu um lampião para leitura. Dependurou o objeto pouco acima da escrivaninha e retirou da gaveta *Espumas Flutuantes*, um livro do escritor Castro Alves, um grande poeta brasileiro que infelizmente havia morrido cedo demais. Abriu o exemplar na página que transcrevia o poema “O Livro e a América”.

— “*Oh! bendito o que semeia*”

livros... livros à mão cheia.

E manda o povo pensar.” — Francisco leu em voz alta. O som da própria voz e a concentração nos versos impediu-o de notar que a porta do seu quarto era aberta. Quando a madeira encostou no batente ao ser fechada, no entanto, produziu um leve ruído que chamou sua atenção. A princípio, Francisco pensou que fosse Otávio, porém surpreendeu-se ao se virar para a porta.

— O que você está fazendo aqui? — Fechou o exemplar e encarou a moça que ele havia beijado no corredor aquela manhã.

— Os empregados já estão se recolhendo... — Ela hesitou por um segundo. Quando voltou a falar, sua voz estava quase trêmula. — Vim saber se o senhor precisa de alguma coisa. — Encarou o chão e suas bochechas coraram.

Ele sabia que se tratava de uma mentira, mas decidiu fazer o jogo da garota. Deixou o livro sobre a escrivaninha e caminhou na direção dela, parando a dois passos de distância.

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)
